

Emma Trevaune

VOOS
E
SINOS
E
Misteriosas
DESTINOS

Ilustrações
GLENN THOMAS

Tradução
ÁLVARO HATTNER

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2014 by Emma Trewayne
Copyright das ilustrações © 2014 by Glenn Thomas

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

O trecho do poema de Emily Dickinson na epígrafe foi retirado de *Emily Dickinson:
Loucas noites / Wild Nights* (Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Disal, 2010).

TÍTULO ORIGINAL Flights and Chimes and Mysterious Times

CAPA Lizzy Bromley

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2014 by Glenn Thomas

MAPAS © Drew Willis

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Mariana Cruz e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trewayne, Emma

Voos e sinos e misteriosos destinos / Emma Trewayne ;
ilustrações Glenn Thomas ; tradução Álvaro Hattmher. — 1ª ed. —
São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: Flights and Chimes and Mysterious Times.
ISBN 978-85-65765-43-5

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Thomas, Glenn. II.
Título.

14-06375

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/edoraseguinte

contato@seguinte.com.br

PRÓLOGO

EXISTEM PORTAS E EXISTEM *PORTAS*.

Do primeiro tipo, há muitas: em quartos, lojas, escolas, casas e salões. A maioria das pessoas passa a vida entrando e saindo das portas do primeiro tipo, batendo-as de vez em quando, ou então as fechando com o mais suave dos *cliques*. Elas nunca ficam sabendo das portas do segundo tipo, e, dependendo de quem essas pessoas forem, podem ficar contentes com isso ou não.

Naquela época, Londres tinha muitas portas do primeiro tipo, e nem eram tantas quanto há agora. Fechadas contra a fuligem negra e oleosa que pairava sobre a cidade, como uma promessa permanente de chuva, ou abertas para atrair qualquer brisa que pudesse vir do rio como se estivesse chegando para tomar um chá.

Atrás das mais bonitas, cujas aldrabas brilhavam depois do polimento que a criada lhes dava todos os dias, a luz elétrica estava acesa. Nos miseráveis cortiços do bairro de East End, o brilho fraco das velas de sebo escapava pelas frestas da madeira. No centro da cidade, pessoas se reuniam em becos úmidos

para dar uma rápida olhada na estrela que tinham acabado de ver no palco enquanto ela saía pela porta e entrava na carruagem que a esperava. Do outro lado das portas, pessoas cuidavam de seus negócios, fossem eles honrados ou não.

Do segundo tipo de porta, havia muito menos, e apenas uma interessa para esta história.

Aqueles que sabiam o suficiente procuravam por elas, mas não nos lugares certos. Vasculhavam cemitérios ou salas escuras, fechadas, onde pessoas se reuniam em círculos de mãos dadas. Outros zombavam deles por tentarem. Que coisa estranha para pessoas sensatas fazerem! E Londres, sede do poderoso Império Britânico, deveria ser acima de tudo sensata. A própria rainha era uma das pessoas que procuravam portas para o reino dos mortos, mas ela nunca encontrou, e com certeza também nunca esbarrou em uma entrada para outro mundo onde as pessoas estivessem bastante vivas.

Havia lendas, é claro. Histórias de terras distantes, que viajavam de um país para outro. A paisagem sempre mudava, mas a magia, não. As histórias eram contadas a crianças pequenas, para assustar ou acalmar, mas aqueles que as contavam não acreditavam. Talvez isso nem fosse um problema, porque as histórias distorciam a realidade. Isso sempre acontece. As lendas falavam sobre dragões e fadas, sobre torres fechadas e princesas presas, e isso até era verdade.

Porém as fadas de verdade não eram azuis ou cor-de-rosa. Elas não sorriam, a não ser quando alguma coisa dava errado. Preto, prata, marrom e cobre são as cores que se deve imaginar aqui. Elas passavam óleo umas nas outras regularmente,

como as meninas que fazem tranças nas amigas, e seu riso era como aço. Os dragões enrolavam-se em cavernas secretas, e seu hálito era vapor, não fogo.

Havia pessoas normais, exceto pelo fato de não serem realmente normais. De vez em quando, elas escapavam por uma porta, levando consigo o conhecimento que parecia mágica, embora para elas fosse o mesmo que ciência, e aprendiam com essas criaturas.

E havia uma coisa que não era fada ou dragão, embora tivesse asas; uma coisa ainda mais mágica.

Antes de ser quebrada. Antes de ser morta.

Mas algumas coisas não ficam mortas para sempre.

1

O FEITICEIRO SEMPRE ALERTA

Londres, 1899

QUANDO LORCAN ANDAVA, ele o fazia de maneira cuidadosa e lenta, como se medisse o quanto seus sapatos finos afundavam na lama.

Na maioria das vezes, no entanto, ele preferia ficar sentado. Essa era a posição dos que comandavam; andar era para os comandados. Ele não andava com frequência, apenas quando era assim ordenado.

Só havia uma pessoa que podia dar essa ordem a ele, e recusar seria impensável. Imperdoável.

Naquele momento, Lorcan estava andando, não muito longe, embora *longe* fosse algo relativo. Estava longe o bastante de casa e desejava voltar, mas a Senhora queria um menino, um filho, e todos os desejos dela eram atendidos.

Por mais que ele tentasse adiar, a hora inevitável tinha chegado. Todos os experimentos daquele maldito doutor para encontrar outra solução tinham falhado. Os gatos, os pássaros e as borboletas que ele tinha ido buscar para agradá-la tinham se tornado tediosos e foram libertados do palácio para viver à solta do lado de fora. E por isso Lorcan abria caminho através

de ruas movimentadas no lugar errado, tão familiar e ainda assim tão estranho.

Pequenos objetos de metal faziam barulho em seus bolsos a cada passo e seus dedos compridos se contraíam de vontade de segurá-los. Em vez disso, Lorcan acariciou o bigode e viu as pessoas passando apressadas por ele. Prestavam pouca ou nenhuma atenção naquele homem enquanto entravam e saíam dos trens. Se repararam nele por algum motivo, foi pela estranheza de seus óculos escuros, mas o ambiente estava muito claro e a luz elétrica quase o cegava. Nuvens de vapor soltavam fuligem sobre os trajés de viagem, e isso, pelo menos, diminuía seu desejo de estar de volta em sua própria terra.

Em breve, muito em breve, estaria lá. Um apito soou alto, estridente, tão parecido com um canto de pássaro assustado que seus dedos se contraíram novamente em direção ao bolso. Dessa vez ele deixou que entrassem, apenas para verificar, e eles esbarraram em meia dúzia de bordas afiadas.

Sim, ainda estavam lá.

Lorcan tirou um relógio de ouro pesado preso a uma longa corrente quando parou no meio da estação, fingindo que aquilo era o que pretendia fazer o tempo todo. *Paciência*, sussurraram os ponteiros dourados. Não este, o próximo.

Seria tudo muito simples. O plano estava encaminhado, e a Senhora ficaria satisfeita, muito satisfeita com Lorcan por um trabalho bem-feito.

Talvez ela sorrisse. Fazia algum tempo desde a última vez em que ela realmente sorrisse, e mais ainda desde que Lorcan

tinha sido levado a ela por aquele que veio antes dele, assim como ia fazer com o menino. O homem que o levara estava morto agora, apodrecera e virara pó. Lorcan não conseguia lembrar o nome dele.

Era jovem naquela época, e feliz como os meninos devem ser. Mas ele tinha envelhecido, envelhecido a ponto de não poder mais ser filho dela, e, a cada minuto que passava desse lado da porta, ficava ainda mais velho.

Ah, como queria estar em casa. Em casa, onde viveu milhares de dias e não envelheceu mais, nem um único dia.

Ele colocou a mão no bolso outra vez.

O trem se afastou da plataforma com um novo grupo de passageiros, em direção ao norte, onde o céu era frio e as estrelas congelavam atrás de um escudo de nuvens.

Cinco minutos, provocou o relógio. Logo ele poderia voltar, voltar para a terra das coisas reconfortantes. Um lar onde ele era poderoso, porque ali seu poder era escasso. A Senhora ia se divertir com o novo filho, e a frota precisava de sua atenção. Era improvável que não tivessem sido vistoriadas em sua ausência, mas a guerra retumbava do outro lado do oceano como um trovão antes da tempestade. As colônias desejavam governar a si mesmas e logo precisariam de um lembrete de que havia apenas um Império e apenas uma Senhora para governá-lo. Lá, os objetos em seus bolsos iam se acomodar mais uma vez em seu lugar seguro e escondido. Ele não gostava de carregá-los consigo e o fazia apenas por medo.

Uma nova onda de pessoas, com a passagem na mão, pas-

sou por ele. Era fácil dizer quais estavam acostumados a viajar, porque andavam com passos seguros até a plataforma correta, jornal debaixo do braço, os cantos da mala de couro desgastados pelo uso. Outros hesitavam, liam lentamente o que estava escrito na passagem várias vezes, ou então procuravam o inspetor da estação para pedir ajuda. E ele ajudava, apontando os braços carnudos na direção certa, botões de metal apertados brilhando em seu peito. Os olhos do inspetor encontraram os de Lorcan e ele sorriu simpático, provavelmente supondo que o homem estava aguardando para encontrar alguém que ia sair do trem das 14h17.

O que, de certa forma, era verdade.

Dois minutos.

Um.

Ele ouviu o *chuque-chuque* da máquina antes de vê-la. Se houvesse um coração normal em seu peito, o ritmo das batidas teria mudado para acompanhar aquele som, mas Lorcan não tinha um coração normal. Ali, ele mal tinha uma coisa que pudesse ser chamada de coração, na verdade. Havia apenas uma coisa inútil e morta no lugar.

O trem se arrastou para o campo de visão dele, engolindo lentamente os trilhos, como se estivesse cansado e com fome após a longa viagem e, depois de ter comido, poderia descansar assim que seu nariz preto chegasse ao final da plataforma. Deu um grande e ofegante suspiro, enchendo a estação de vapor no momento em que as portas se abriram com um ruído. Formas fantasmagóricas de cavalheiros ajudavam senhoras a descer sem torcer o tornozelo.

Lorcan se aproximou.

— Ande logo, Jack — disse uma mulher.

— Estou indo, mãe.

Lorcan não se importava nem um pouco com o que aquilo causaria à mulher, que era uma tola. Mandar o filho para o internato, buscando-o apenas nos feriados que interferiam com as festas suntuosas que ela dava por razões fúteis.

Não como a Senhora, que manteria o menino Jack bem perto, mimando-o com amor, bugiangas e bolo, porque todas as crianças gostam de bolo.

Era inconveniente agir daquela forma, mas os pés de Lorcan haviam afundado na lama do lado de fora dos altos muros da escola, os dedos do pé contraídos pela frustração de não saber como atrair o menino para lá. Não tinha como dizer que ele seria levado para um lugar melhor, para a Senhora, para se tornar o próximo filho do Império das Nuvens. E, na verdade, aquele jeito até trazia alguns benefícios.

Lá estava ele.

Jack se parecia com a Senhora, com os mesmos olhos e cabelos escuros, a mesma pele lisa, embora tivesse um punhado de sardas no nariz, que Lorcan sabia que iriam encantá-la. Era um pouco baixo para sua idade, mas, fora isso, era saudável e tinha as bochechas bastante rosadas. O terninho amassado como o de todos os meninos, a ponta de uma gravata com listras pretas e azuis saindo da mochila, a biqueira dos sapatos engraxada, como um espelho...

Uma escolha perfeita, e Lorcan tinha se esforçado muito para desistir naquele momento. Foram meses. Meses de ob-

servação, decidindo, à espera, e o prazo que lhe fora dado já estava quase no fim.

Se só restavam a Lorcan truques e algumas mentiras bem contadas para pegá-lo, que assim fosse. Era um pequeno sacrifício, e nenhum era grande demais para agradar à Senhora.

— Fique aqui enquanto vou pegar sua bagagem e arranjar um cabriolé. Seu pai precisou de Wilson e da carruagem hoje — disse a tola, o elegante vestido verde tremulando quando ela o deixou (ela o deixou!) sozinho. Lorcan sorriu, prendendo a respiração até que a tola conseguisse um carregador para pegar as coisas sem as quais o menino achava que não poderia ficar, ainda que por um curto espaço de tempo.

Bem, aquelas coisas poderiam ser substituídas. De qualquer forma, ele não ia precisar delas, não no lugar para onde estava indo.

As mãos de Lorcan contraíram-se novamente. Tentador, tão tentador, simplesmente pegar o menino e fugir, mas ele precisava de paciência para chegar onde estava. Havia sempre a chance de ser pego, por menor que fosse, e se por acaso isso acontecesse, ele nunca conseguiria voltar para casa e para a Senhora.

Qualquer coisa para a Senhora. Nada nem ninguém importava mais.

Lorcan rangeu os dentes. Ele precisava fazer aquilo; não tinha escolha.

A tola retornou. Ela e Jack seguiram um carrinho com dois pequenos baús, empurrado por um homem uniformizado e muito magro. Lorcan deixou-os se afastar, mas não muito.

Não, não muito.

Observou-os subir no cabriolé, o nariz da trouxa retorcido, os olhos do menino acesos com a rara aventura. O cocheiro bateu as rédeas no dorso de um cavalo velho e raquítico, que relinchou e bufou antes de partir.

Um meio de transporte desagradável, com certeza, mas não tinha como evitar. Lorcan chamou um para si, dando um endereço em Mayfair que ele conhecia já havia algum tempo.

O grande relógio da torre de Westminster ecoou por toda a cidade, marcando a meia hora. Lorcan teve um sobressalto. Não deveria estar tocando... Então ele lembrou.

Era uma bela torre, de pedra e ferro, com um relógio enorme e lindo. Tinham dado um nome para o sino ali. Big Ben. Ridículo. Ele havia se apropriado de todos os detalhes da torre, exceto esse.

Apalpou os bolsos novamente, recostou-se contra as almofadas sujas e sorriu.

Ah, a Senhora ficaria tão contente.